

Paulo Saran diz que futuro da mobilidade urbana está no transporte sobre trilhos

Edimarcio A. Monteiro
edimarcio.augusto@rac.com.br

Campinas precisa ser repensada para evitar problemas urbanísticos no futuro, sendo que algumas ações já estão com a implantação atrasada. A opinião é do presidente da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Campinas (AEAC), o engenheiro civil Paulo Sérgio Saran, que há décadas se dedica a estudar, acompanhar e atuar no desenvolvimento do município. "Campinas deveria pensar urgentemente no transporte sobre trilhos", diz ele, que defende também intervenções como a construção em várias regiões de bacias de contenção para evitar enchentes e a adoção de medidas de controle ou compensatórias de adensamento populacional.

Há 29 anos na presidência da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Campinas (AEAC), ele defende a formação de uma equipe multidisciplinar na Secretaria Municipal de Planejamento exclusivamente para pensar o futuro da metrópole, estimada hoje com 1,2 milhão de habitantes. Nessa entrevista, a convite do presidente executivo do **Correio Popular**, Ítalo Hamilton Barioni, Saran aproveita o Dia do Engenheiro, comemorado neste domingo, para anunciar o início da construção da nova sede da AEAC a partir do início do próximo ano.

Ele também se coloca como um defensor de sua classe profissional e sugere mudanças nas eleições para os conselhos regional e federal de Engenharia e Agronomia, com a adoção do voto obrigatório, online e móvel, fora dos locais hoje pré-definidos. Mas sua experiência é mais ampla e já foi substituído de Fausto Silva, o Faustão, na apresentação de programa de rádio.

Por favor, fale um pouco sobre a sua história?

Eu nasci em Casa Branca, interior de São Paulo, onde estudei, na época, o científico, o ginásio no Instituto Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, que tem um prédio muito parecido com a Escola Normal de Campinas, a Carlos Gomes. Desde adolescente, comecei a trabalhar e estudar. Trabalhei inicialmente como balconista em uma loja de roupas e depois fui convidado para ser locutor na Rádio Difusora de Casa Branca. Atuei lá por dois anos, onde fazia de tudo, como em toda rádio do interior. Fazia noticiário, programa musical e cheguei a transmitir partidas de futebol do campeonato de Casa Branca e de alguns amistosos que tivemos lá com o misto do Corinthians e com o escrete do rádio da Bandeirantes, na época, com Fiori Gigliotti. Após fazer o Tiro de Guerra, fui arriscar a vida primeiro em São Paulo e depois em Campinas.

Como foi seu início em Campinas?

Chegando aqui, fui procurar as três emissoras que tinham aqui, a Cultura, Brasil e a Educadora. Eu fui entrevistado pelo chefe dos locutores da Cultura na época, o Fausto Silva, o Faustão. Ele gostou da minha apresentação e me contratou. Inclusive, uma curiosidade: o Fausto Silva fazia Direito na PUC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas) e, quando ele tinha provas, ele pedia para eu apresentar o programa dele no período da tarde, a Parada de Sucessos. Mas, fiquei muito pouco tempo na Cultura, onde fiquei até que um locutor, que estava afastado por problemas de saúde, voltou. Ai passei um tempo como bancário e, em seguida, fui chamado pela Rádio Educadora, que era e até hoje é do Grupo Bandeirantes. Quem me chamou lá, porque lembrou do dia que estive lá pela primeira vez, foi o saudoso Pereira Neto, o narrador esportivo muito conhecido.

Como foi sua entrada na área de engenharia?

Tinha o sonho de criança de ser piloto da FAB (Força Aérea Brasileira) e até comecei a fazer o curso na Academia da Aeronáutica, em Natal. Mas, eu pedi desligamento do curso e resolvi seguir a engenharia. Fui trabalhar e estudar em São Paulo, no Curso Anglo Latino. Depois vim para Campinas, fiz o curso MacPoli e entrei na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), na Engenharia Civil. Na época, a gente cursava a Engenharia Civil um ano e meio em Campinas e três anos e meio em Limeira, na Faculdade de Engenharia de Limeira, a FEL. Foi um período muito difícil porque o curso era período integral e eu não dispunha de muitos recursos financeiros. Eu sobrevivia dando aulas particulares. Quando estava no final do segundo ano, consegui uma bolsa reembolsável do Instituto Roberth Simonsen, da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Eram dez salários mínimos por ano para serem pagos depois de formado. Isso me deu condições de concluir o curso. No quinto ano da faculdade, fui convidado para aula no Colégio Técnico de Limeira, o Cotil. Ao terminar a faculdade, fui selecionado para trabalhar na Sanasa (Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento) e vim trabalhar em Campinas.

Como foi sua experiência na Sanasa?

Como meu trabalho era parcial no Cotil, eu continuei dando aulas e trabalhando em Campinas. Na Sanasa, permaneci por 11 anos e meio. Foi uma fase em que ela não tinha o número de profissionais que tem hoje, mas já tinha uma qualidade, já era uma empresa exemplar para o Brasil, já era uma referência nacional. Nesse período na Sanasa, me lembro de algumas inovações que fizemos. Uma delas, em 1980, nós, eu junto com o engenheiro Arisio Ribeiro da Silva, que era o diretor técnico na época, implementamos, acho que pouca gente sabe disso, a caixa



Estação do BRT na Avenida João Jorge na região central de Campinas: para Paulo Sérgio Saran, sistema deveria contemplar trilhos para o VLT

ENTREVISTA

Saran defende uso do VLT ou metrô em Campinas

Engenheiro revela receitas para enfrentar grandes desafios da cidade



O engenheiro civil Paulo Sérgio Saran, presidente da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Campinas (AEAC), visita a sede do Correio Popular

“**Muitas mudanças feitas, principalmente na gestão anterior, flexibilizaram bastante as regras em alguns bairros, como Cambuí e Nova Campinas, que têm seu lado positivo, mas que têm suas consequências**”

sem se deslocar no dia do exame.

Quais outras atividades que desenvolveu?

Fui diretor financeiro interino da Média Nacional (Caixa de Assistência dos Profissionais de Engenharia e Arquitetura), em Brasília, em 2020, além de outras. Esses trabalhos me fizeram receber o título de Cidadão Campineiro, por proposição do saudoso vereador Antonio Ruffill Kanawatti, e também o de Cidadão Limeirense, por proposição do então vereador Wagner Barbosa.

Como ficou a sua carreira de engenheiro com essas experiências?

A minha carreira propriamente de engenheiro ficou mais na área de ensino. O ensino também é uma das atribuições do engenheiro na área técnica. Quando terminei minha gestão no colégio e meus mandatos no Conselho Universitário, acho que cumpri muito bem meu trabalho lá, aí já estava participando da Associação de Engenheiros e Arquitetos, a AEAC. Assumi a associação em 1993 em uma situação drástica, de falta total de recursos, com telefones penhorados. Graças a Deus, com dedicação, trabalho, esforço e com a ajuda dos diretores e conselheiros, conseguimos recuperar financeiramente a associação, dar sustentação e até conseguimos comprar alguns terrenos. Também conseguimos convênio médico e odontológico para os associados.

Como é a sua atuação como presidente da entidade?

Praticamente em quase todas as vezes que disputei a eleição para a AEAC fui candidato único como reconhecimento pelos trabalhos que estamos desenvolvendo. Durante esse período na associação, eu fui seis vezes conselheiro do Crea São Paulo, o nosso Conselho Regional de Engenharia e Agronomia. Como conselheiro, procurei defender ações para valorizar o bom profissional. O Crea tem a visão que existe para defender a sociedade dos seus profissionais, mas se sempre considere que, para defender melhor a sociedade, é preciso investir e valorizar o profissional. Não como o Crea trata muitas vezes os profissionais, como se todos fossem, como todos não fossem bons profissionais. Acho que é o contrário, é preciso criar regras para os seus, não para os bons, que devem ser valorizados. O Crea deve investir no profissional, no prestígio, na formação, na requalificação, na atualização dos conhecimentos.

de gordura coletiva para prédios residenciais e comerciais. Na época, a norma exigia que toda cozinha e copa tivesse uma caixa de gordura, que eram individuais. Era um transtorno tanto para localização física quanto do ponto de vista de limpeza. A caixa de gordura coletiva foi extremamente bem recepcionada pelos projetistas de instalações, pelos construtores e pelos usuários porque trazia todo o esgotamento de cozinhas e copas para uma grande caixa que ficava no térreo e que pode ser esgotada por caminhões limpa-fofo. Até hoje é assim. Nos também permitimos que a área de serviço fosse direcionada para essa caixa coletiva. Que fez com que raramente precisasse ser esgotada por que havia a dissolução da gordura.

O senhor também foi diretor do Cotil?

Em dezembro de 2002, fui eleito para ser o diretor do Colégio Técnico de Limeira, que é da Unicamp, e dava aula nos cursos superiores de tecnologia. Foi quando passei a ficar tempo integral na Unicamp. Eu digo que a formação que temos como engenheiro, a exigência que temos no curso, proporcionou um vasto conhecimento que me permitiu a ter essas atuações múltiplas, trabalhar na área de engenharia, de educação e depois administrativamente. Fui eleito diretor do colégio para um período de quatro anos e depois fui reeleito mais três vezes. Nesse período, fui eleito para o Conselho Universitário da Unicamp. Na época, os diretores não tinham assento nato no Conselho, agora tem. Foi até uma luta que eu comecei. Fui eleito seis vezes consecuti-

vas, cinco como o mais votado dos professores das carreiras especiais. Fiquei 12 anos no conselho, onde trabalhei muito na defesa da implantação do segundo campus em Limeira, numa área que foi doada pela família Ornetto. Depois aprovamos a criação da Faculdade de Ciências Aplicadas, que está lá até hoje, e aprovamos os cursos que seriam ministrados lá. A ideia da Unicamp era não repetir em Limeira os cursos que já tinham em Campinas.

O senhor também teve passagem pela Comissão do Vestibular da Unicamp?

Participei da Comvest, onde defendi que a prova de Redação fosse na segunda e não na primeira. Por causa do grande número de candidatas, é muito difícil ter uma uniformidade na correção na primeira fase. Demorei, mas conseguimos aprovar isso. Depois eu participei da transformação dos cursos superiores de tecnologia, que haviam se tornado Centro Superior de Educação Tecnológica, em Faculdade de Tecnologia, a FT, que está até hoje no campus I de Limeira, junto com o colégio técnico. Também nessa época, como diretor do colégio, fizemos várias inovações, além de fortalecermos o ensino técnico e o ensino médio, ampliar laboratórios, reestruturar cursos. Também criamos simulados para preparar para o vestibular, para o Enem (Exame do Ensino Médio) e de redação. Também descentralizei o vestibulinho do Cotil, que passou a ser feito em outras sete cidades da região, não mais apenas em Limeira. Isso fez com que os candidatos de outras cidades não precisas-



Eu fui entrevistado pelo chefe dos locutores da Cultura na época, o Fausto Silva, o Faustão. Ele gostou da minha apresentação e me contratou. Mas, fiquei muito pouco tempo na Cultura

ENTREVISTA

Engenheiro já substituiu Faustão na Rádio Cultura

Paulo Saran comandava parada de sucessos no lugar do apresentador

Como o senhor entende que deve ser a ação do Crea?

Ele deve estar junto do profissional, nunca contra o profissional. Uma coisa que bati muito com o conselho e não tive êxito, é mudanças na eleição tanto para o presidente do Crea São Paulo quanto para o Conselho Federal de Engenharia, Agronomia, e Confea. Eu sempre disse que essas eleições são feitas para o profissional não votar. Primeiro porque o voto não é obrigatório, a eleição é presencial, feita em um único dia útil de trabalho e em cidades grandes, como Campinas, São Paulo nem se fala, são colocadas umas em diversos locais. Porém, o profissional que trabalha tem dificuldades para se deslocar porque somente pode votar na uma onde está seu nome. Eu dizia na época: por que eu não posso votar em qualquer uma que está na cidade? A resposta é porque havia o risco de se votar duas vezes, mas nós temos softwares que podem impedir que isso ocorra. É irracional pensar assim. Nós, que somos da área tecnológica, não usamos a tecnologia a nosso favor. Não usamos porque não há interesse. Os profissionais normalmente já não gostam do Crea. Se você entrevistar dez engenheiros aleatoriamente, nove vão falar mal do Crea. Não gostam porque o conselho não age a favor do profissional. Agora, inclusive, alguns colegas estão reclamando que deixaram de pagar a anuidade do Crea. O conselho, ao invés de negociar, mandou o nome para o Sersa. Isso são coisas que poderiam ser resolvidas administrativamente de uma maneira muito mais tranquila. Então, quem vai votar é o pessoal que está nas associações de classe; o pessoal que está no conselho do Crea, hoje são mais de 270 conselheiros; e o pessoal que trabalha para o Crea e é engenheiro ou tecnólogo. Na última eleição, de quase 400 mil profissionais registrados no Estado de São Paulo, nós não tivemos mais do que 20 mil votos somando todos os candidatos. O candidato que venceu teve 12 mil e poucos votos. No Brasil, no Confea, temos um milhão de profissionais registrados, mas não temos mais do que 50 mil votantes. É sempre de 4 a 5%. Isso ocorre porque o voto não é obrigatório, não é facilitado para que ocorra pela internet e a vontade é que sempre esse mesmo grupo vote o pessoal permanecer no poder. Essa é a impressão que dá. Parece que na próxima eleição, no ano que vem, a votação será híbrida, internet e presencial, mas não será obrigatória.

Como está o projeto da nova sede da ABAC?

Eu estou na associação, mas não me deixam sair, já quis sair. Mas, agora, não posso sair porque nós conseguimos essa área para a nova sede comprada, nada foi doado. Compramos oito lotes ao lado do Parque Ecológico, uma área de 4.780 metros quadrados, está tudo registrado, tudo legalizado, onde vamos construir a nova sede. É um projeto do arquiteto Rui Ohtake porque queríamos um projeto diferente e será o primeiro projeto dele em Campinas, não há nenhum outro. Já aprovamos na prefeitura, mas depois tivemos alguns contratemplos. A aprovação ocorreu pouco antes de começar essa pandemia (de covid-19), de vir a quarentena. O próprio escritório do Rui ficou fechado por muito tempo. Passado esse período, retomamos o projeto, mas o Rui já estava muito adoado, afastado do escritório, e infelizmente veio a falecer em novembro do ano passado. O filho, o Rodrigo Ohtake, assumiu o projeto. Ou seja, a primeira parte da obra está tudo aprovado, mas faltam detalhes, o projeto executivo e estamos tratando com o Rodrigo.

Qual o estágio do projeto?

Tivemos um outro contratempo. Entre a nossa área, ao lado do Parque Ecológico, e a Rodovia Heitor Penteado há uma faixa larga de recuo que tentamos até na época de aprovação do projeto pedir a autorização da prefeitura para usar essa faixa, mas seria um processo muito longo, burocrático e caro para depois. Mas, agora, os lotes vizinhos conseguiram a autorização, e fizeram lá um acesso, que acabou elevando um pouco a frente do terreno. Com isso, tivemos que repensar o nosso projeto porque ele iria ficar muito abaixo do nível, escondido. O cálculo estrutural já está em uma fase bem avançada, será uma estrutura metálica, mas paramos os projetos complementares porque surgiu uma grande dúvida que temos que resolver. Após a pandemia, muitas empresas estão abandonando os escritórios para os funcionários trabalharem em home office. Outras estão adotando o sistema híbrido, parte na empresa e parte home office. Quando discutimos o nosso projeto com o Rui Ohtake, era uma realidade, havia uma grande área para escritório, um espaço para o Crea em Campinas e até para ceder para outras entidades. Hoje, a realidade é diferente e estamos a repensando a utilização e avaliando algumas modificações internas. Estamos pensando em utilizar o prédio para eventos tecnológicos e eventos sociais, dar uma nova configuração.

Tem previsão para início da obra?

Essa nova configuração deveremos concluir rapidamente e queremos iniciar as obras, se Deus quiser, nos primeiros meses de 2023. Tivemos o recuo em caixa, mas, com a pandemia, houve uma inflação muito grande dos materiais de construção e principalmente no aço, pensando que nosso projeto terá estrutura metálica. Então, hoje estamos vendo se com os recursos que economizamos durante esse tempo, se vamos conseguir construir todo o prédio. Se não conseguirmos, nós vamos fazer por etapas. Tive até contatos com ban-



O engenheiro civil Paulo Sérgio Saran estuda e acompanha o desenvolvimento de Campinas há décadas: soluções para a mobilidade urbana



O engenheiro Paulo Sérgio Saran: "Eu acho que a Secretaria de Planejamento deveria ter uma equipe multidisciplinar focando exclusivamente em pensar no planejamento urbanístico"

cos para ver a possibilidade de financiamento, se for necessário. É um projeto muito bonito, com quase 1,5 mil metros quadrados de área construída. A parte circular é um auditório para cerca de 250 pessoas.

Como presidente da AEAC, o senhor sempre teve uma visão crítica sobre a parte urbanística de Campinas. Como o senhor vê a cidade hoje e como a projeta para o futuro?

Eu vejo que Campinas cresceu muito sem o planejamento adequado, isso é de conhecimento de todo mundo, não é novidade. Isso trouxe problemas sérios para a nossa cidade e precisa ser enfrentado para o futuro. Alguma coisa do passado tem que corrigir, mas a maior parte não tem mais. Porém, tem como se prever daqui para frente uma nova situação de planejamento. Eu acho que a Secretaria de Planejamento deveria ter uma equipe multidisciplinar focando exclusivamente em pensar no planejamento urbanístico de Campinas, livre dos processos do dia a dia. Es-

se grupo deveria ter engenheiros, arquitetos e profissionais de outras áreas, como ambiental, social, inclusive. Esse grupo trataria das diretrizes de planejamento. Até poderia ser contratada uma consultoria de urbanistas consagrados para auxiliar a pensar Campinas.

Quais são as áreas problemáticas que o senhor vê atualmente na cidade?

Hoje nós temos a seguinte situação em Campinas: nós estamos vendo um grande boom de prédios sendo aprovados. Isso tem seu lado altamente positivo, gera empregos, movimentação econômica, gera impostos para a prefeitura, mas nós temos que pensar em algumas questões paralelas a isso. A gente já está com dificuldade de mobilidade urbana, de trânsito. Esses prédios que estão sendo construídos em áreas já adensadas atrairão um número maior número de pessoas e veículos que usarão as mesmas ruas e avenidas, com o mesmo sistema de abastecimento de água, de coleta de esgoto, de distribuição de energia elétrica.



O engenheiro Paulo Sérgio Saran defende a construção de bacias de contenção para evitar enchentes

Tudo isso tem que ser visto, não é apenas crescer. Temos que pensar aonde é melhor isso acontecer. Muitas mudanças feitas, principalmente na gestão anterior, flexibilizaram bastante as regras em alguns bairros, como Cambuí e Nova Campinas, que têm seu lado positivo, mas que têm suas consequências.

O senhor tocou no tema transporte. Quais são as suas ideias nessa área?

Outra coisa que a associação e eu sempre defendemos é que Campinas deveria pensar urgentemente no transporte sobre trilhos. No mundo inteiro o transporte é sobre trilhos. Aqui, infelizmente, nenhum prefeito pegou firme. O que o Jacó Bitar fez não foi um VLT, não foi um Veículo Leve sobre Trilhos. Aquilo era um trem que ligava nada a lugar nenhum, não tinha integração, não tinha nada. Não tinha como esse projeto ter sucesso. O VLT que nós defendemos é o que se chama de bonde elétrico em alguns lugares, como foi feito no Rio de Janeiro, na Europa. Eu sinto muito que quando planejavam as faixas para o BRT não aproveitaram para colocar trilhos já pensando no futuro VLT. Até acho que pudesse conviver o VLT com o BRT. A implantação do VLT é mais cara, mas ele se paga com o passar do tempo. Os investimentos poderiam ser feitos com recursos da iniciativa privada em conjunto com os órgãos públicos, através de uma empresa mista. A área da Fepasa, por exemplo, poderia ser usada para incentivar o transporte por trem. Eu me preocupo que os projetos previstos para essa área, com prédios, parque, não possa inviabilizar essa utilização. Campinas também deveria pensar em metrô ou no pré-metrô.

Nós estamos no período das chuvas e Campinas sofre muito com isso. Qual a solução que o senhor vê para esse problema?

Outra questão que a associação sempre debateu, defendeu é a questão do controle das enchentes. Agora que a prefeitura está pensando mais seriamente em bacias de contenção. É a única possibilidade para diminuir o problema das enchentes, mas não é uma ou meia de dúzia de bacias, tem de ser dezenas de bacias pegando todas as bacias de contribuição de água pluvial. Eu visitei uma grande estação de tratamento de esgoto em Barcelona, na Espanha, que também é usada como bacia de retenção. Em São Paulo, o problema na Pacaembu foi resolvido com um piscinão no subsolo. No Largo do Rosário, poderia ter uma bacia de retenção no subsolo para resolver o problema na Rua Barão de Jaguará. Também deveria se pensar em estacionamentos próximos ao Centro para evitar a circulação de carro nessa área.

Qual o seu hobby, o que faz pare descansar?

Uma das coisas que mais gosto de fazer é viajar para conhecer países, culturas, costumes diferentes. Reunir os amigos para um bom bate-papo acompanhado por um bom vinho. Cinema, sempre gostei muito. Futebol, mas assistir, principalmente quando é o meu time que está jogando, o São Paulo Futebol Clube, a seleção, Copa do Mundo. Tenho um carinho muito grande por animais de estimação. Hoje também gosto de curtir a família, as netinhas. Uma mora na Austrália, é mais difícil. Mas tenho uma convivência grande com a que mora em Campinas. É, por último, eu considero um hobby estar na presidência da associação, a AEAC, porque é um lugar que me dá muita satisfação, possibilidade de trabalhar com muitas facetas, tem que ser administrador, chefe, marqueteiro, financista, contador, tem amplas atividades. Tenho satisfação em poder contribuir para o desenvolvimento da engenharia, dos profissionais, discutir os problemas da cidade. Eu procuro aproveitar na AEAC um lema rotariano que é "quem mais se beneficia é quem mais serve". Eu procuro seguir também, não sei se consigo sempre, um ensinamento que faz parte do poema "Assim Mesmo": "de ao mundo o melhor de você. Mas isso pode não ser o bastante. Dê o melhor de você a si mesmo".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 e 5